

VII

Por uns segundos o rapaz ficou estupefacto, o Romeu. Nem um músculo nele se mexeu, nada, off, desligado, truz, truz e estava ninguém em casa. A beleza assusta, tal como David Mourão já havia dito ainda antes de existir a Julieta, e a Julieta adorava assustar! A beleza, o susto da beleza, o jogo que ela faz com os sentidos, a beleza que vemos é um vulto de uma outra superior, a beleza nos faz dizer destas coisas, a beleza aspira consciência, mas aonde é que ela a guarda? - Eu devo achar que a beleza não aspira consciência o que ela faz é levar-nos ao mundo de um inconsciente, onde tudo é desejado como ela.

A Julieta, ela estava curiosa, curiosa com aquele apêndice desligado. E onde é que ele estava, o Romeu! Decerto não estava

ligado ao mundo onde a Julieta, ele e outros se movem em conjunto, mas onde é que ele estava? Não sei!

Ligo-me e vejo a cara da Julieta, que absurdo papelão devo ter feito.

- És a Julieta, falei ctg... combinámos... Boa noite eu sou o Romeu? - E ela responde: - Não acredito que és o Romeu! - Sou! Sou o Romeu e estou ao vosso dispor, vossa majestade? - Dito isto, fiz algo cómico, dei um passo frente, endireitei as costas, posicionei o braço a imitar uma pega de chávena e a Julieta chega-se a mim, entrelaça o seu braço no meu (olha, olha, o soldadinho de chumbo e a bailarina de cartão!) olha-me, eu olho-lhe, os nossos olhares comunicam (outra vez), se calhar até não, mas, os seus lábios pronunciam: - Vamos! - e dá um sorriso que me diz mais qualquer coisa, suponho eu na minha subjectividade.

Nem queria acreditar que tinha sido eu a realizar o acto precedente. Mas, aonde é que eu fui eu buscar coragem para o fazer. Como foi que o fiz, sem antes pensar que iria cometer um acto, que poderia sair falhado e que causaria uma má conotação aos olhos da Julieta. O que até poderia se estender a uma grande vergonha e a comprometer o êxito da primeira saída, a comprometer, quem sabe, o êxito do início da nossa relação amorosa. *Hé!* se calhar nem tanto. Mas poderia acontecer, não é um facto mas suponho. Suponho, adivinho,

prospecciono e para mim esta coisa de avanços ao real físico, real que por não estar a sua evidência em nós, está ela nos dados que são na minha opinião muito experimentada sinónimos de instrumentos, é para nós objectivo, é bem pior que um pressentimento. É algo que imaginamos que se irá passar e pior do que isso, fundamentamos sobre variáveis (ainda por cima) aleatórias, algumas quase certezas sobre o futuro, todas elas impregnadas de metafísica, de controles que são muito pobres face àqueles que controlam a física, e acreditamos que é o que se irá passar na realidade, que para mim está convenciona a andar acompanhada sempre da palavra «física». Chateia-me ainda mais saber que elas não são certas e que nos dão uma imagem fictícia da realidade e pior, deformam-nos a acção que exactamente era à nossa vontade por nela havermos posto, tantos, mas mesmo tantos, complexos.

A acrescentar a este rol de delírios, sustento metafísico, poderá *supostamente* acontecer que o desvelo da realidade física poderá ter nada a ver, com o resultado das quantidades de suposições que fizemos ou fazemos a todos os parvos momentos de descrença na nossa vontade.

A sentença passa por aqui: o costume é darmos mais valor à suposição que contém o pior que pode vir a acontecer que à outra que contém o seu oposto.

Que é o mesmo que dizer:

«De tanta atenção darmos á metafísica não nos provemos para a física, a por nós sempre indomada.»

Não gosto de suposições e ainda bem que a elas eu consegui escapar, se por acaso tivesse suposto sobre o que fiz ainda há pouco... Mas agora a Julieta está aqui a meu lado, eu ainda não sei como está isto a ser possível, mas acredito! O único senão é que, antes de fazer o que fiz não havia imaginado como seria depois de ter o braço dela entrelaçado ao meu e agora não sei o que fazer! Mas como cada segundo se apresenta diferente e a cada segundo improvisamos, eu improviso! (improvisar é natural, é a forma humana de ser selvagem, é sobrevivência: somos a geração Macguyver)

E ele faz algo... perfeitamente natural, nada por ali além, simplesmente inicia uma conversa com a dama, o tema foi fácil, falaram sobre aquilo que os juntou fisicamente - o Barreiro - pois é evidente que ele não iria começar a conversa dizendo que desde Lisboa não pensava em mais nada senão nela. Conversa produz conversa e a certa altura estão a falar sobre música. Ela conta-lhe que o Barreiro é uma zona de *dread's*, do *Rap*, dos *grafitis* que 'Colmatan' certas telas de Van Gogh', de muita cor em suma de muito Hip Hop. (tendência esta que se preocupa em reafirmar os

valores desta nova geração, que são muito diferentes da anterior. O mote incorpóreo desta tendência é amiúde «somos revoltados».

Gostei e gosto de a ouvir falar. A voz dela prende-me, ou eu é que em prendo á voz dela, sei é que, como já disse, é um pranto ouvir-lhe falar. Tinha uns macacos no sótão e a esta altura, para meu descanso, perguntei-lhe quem era um *dread*. E ela disse-me que *dread* é um indivíduo que menciona, muitas vezes, palavras do tipo *ganda curte*, *tá-se bem*, e *bora lá*, que vive repleto de vontade, muito á vontade, de roupa larga, a entoar e a representar a liberdade de expressão, de vontades, etc. a liberdade de viver.

Quando falava contigo pela *net*, apelidei-te de *dread*, não te importaste, pois não? – Não, não me importei e até me sinto honrado! E sobre o *Rap*, ouvi dizer que era algo como um *fado á desgarrada*, mas não é tanto assim, pois não? - E ela estranhou-me ...

– Primeiro vou te dizer uma coisa sobre os *dread's* que ainda não te disse: um *dread*, é alguém que quando não está no seu grupo de amigos do peito, quando não está na sua *crew*, é um jovem muito solitário. É alguém com uma religião muito forte ao seu íntimo, é alguém que detém muito por dizer e por fazer mas normalmente não faz e não diz enquanto fora do seu grupo de amigos, porque, até

mesmo em sua casa, ninguém presta com respeito a atenção ao que ele faz e diz.

Agora do *Rap* muito não te posso dizer, senão uma frase que um *rapper*, aqueles que cantam o *Rap*, um *MC*, meu amigo costuma dizer «*Quando escrevo faço as balas / Quando represento disparo / O Rap é a minha arma*» Parece-te um pouco violento, mas não é. É sim um pouco chocante! O que esse meu amigo explicou-me é que o *Rap* é para ser usado como uma arma, ou como sinónimo, um meio para expressar (é verdade que ás vezes não só se expressa como se arremessa, mas não fica tão bem) aquilo que se têm muita vontade em dizer porque acreditamos que essa vontade que queremos vulcânicamente expressar entra, encaixa e faz falta á harmonia do Mundo, vontade esta que não se consegue expressar ou por estarmos oprimido pela sociedade ou porque...?

Nós curtimos o *Rap* e assim o escutamos e respeitamos. O *Rap*, o verdadeiro, é um meio para alcançar um objectivo, não egoísta, é um testemunho que se faz emergir por crer que todos os entes da Humanidade devem também ser ouvidos!

Eu acho que, os seguidores do *Rap*, não se deviam alienar e deviam expressar as suas próprias ideias, procurando evidenciar aquele algo, que acham, que deveria ser mudado na sociedade e que juntassem o ritmo ás palavras de ordem e fizessem por uma mudança, necessária,

válida e boa. Isto ao invés de usar o *Rap* somente como um entretém, algo que enriquece ninguém a não ser os seus produtores e que só nos faz esquecer, distrair, dos verdadeiros problemas

Enriqueci, respeito mais o *Rap*, já sei mais coisas, estou feliz; a Julieta é bela, é inteligente, é um achado e estou a ela entregue. Cada vez que a ouço, cada vez que a vejo, cada vez que sinto o seu perfume, sinto, cada vez mais um pouco, que dela sempre necessitei. Cada vez, entro mais neste furacão interior que é paixão por ela.

A conversa para. Embaraçado o rapaz, que não consegue conciliar os sonhos que tem com ela com a própria rapariga, desdobra-se num pretexto e muda um pouco a conversa, muda-a para um assunto um pouco mais pessoal, embora pareça que as palavras estejam a mais nesta conversa, mas ele não consegue... deve pensar que pelo menos ainda tem o prazer de poder sonhar com a mera, aleatória, mas bela possibilidade, ou se calhar, assustou-se com a beleza da própria possibilidade e preenche o tempo com conversas de preencher tempo.

Pergunto-lhe qual é a comida que ela mais gosta – esperando não criar silêncio no seu seguimento. E ela diz-me que é a mexicana. Eu digo-lhe que também sinto um gostinho por comidas mexicanas, mas a minha preferida, eram as comidas africanas. É as raízes deve ser

por isso, pois, gosto muito da minha Kachupa. E ela: - Eu também gosto muito do meu Cozido à Portuguesa, mas além dessa cozinha própria das tuas raízes, como tu disseste, a qual cozinha tu te sentes mais atraído. E eu respondi: - Atraído. Só por ti. Hãaa! - (as palavras é que brincam contigo, meu menino!) Ela riu-se furtivamente para não me mostrar que ouviu o que ouviu - Gosto muito de comida chinesa. É isso chinesa. É a melhor com ingredientes que até mesmo se estivéssemos a passar carência de comida preferíamos morder a mesa do que tê-la á refeição, mas, como sabe tão bem, nem nos importamos em saber o que é e raspamos até ao fundo todo aquele prazer. (os chineses comem o que comem tão diferente daquilo que costumam comer e com um prazer tão natural que tu nunca experimentarás naquelas comidas, porque essas fazem parte da cultura deles e não da tua. É tão básico! Tão evidente! *Abre os olhos!*) – Digo e meneio a cabeça, várias vezes seguidas que dizem sim. E ela diz-me que é uma boa escolha, a da cozinha chinesa e que já tinha ouvido falar da Kachupa, mas que nunca a tinha experimentado, mas que se sentia atraída também pelas cozinhas africanas. Aí eu disse-lhe, que depois de experimentar a Kachupa sabe-se que este é um prato ainda melhor. Ela disse que acreditava e que nem sobravam migalhas de dúvidas.

Nem tinham andado muito e estavam agora a passar por uma escola:

- Que belas árvores têm essa escola? Não concordas?

- É verdade! Também já notei.

E o Romeu intervém:

- Umhas raizes tão vivas, tão presentes nas suas copas tão belas, tão mães e já tão altas.

Novas raizes se fazem todos os dias. E logo ali! Logo ali atrás! Já estavam num parque

Passámos tão bons momentos juntos, sempre alegres e satisfeitos um com o outro que do mix daquilo que estávamos a viver com o esplêndido ambiente daquele parque. Não acreditei que existiria momento melhor para... - Não perdeu tempo e disse com sinceridade á Julieta o que por ela sentia. E começa-se um romance. Vivido entre os dois.

Passados anos decidiram viver juntos, claro! Que já sabeis onde! No Barreiro. E já havia sido dado inicio ao projecto *‘Se quisermos que o daltonismo social desapareça, ele desaparecerá’*.

Com tudo isto o Romeu ultrapassara a sua fase negra. Ele usa agora todos os segundos da vida dele – que muitas vezes lhe parece um

sonho – Amém. Não faz distinção entre eles. E as coisas continuaram as mesmas mas ele deixou de ter medo delas:

- Mas ainda não sei se os fantasmas! Alguma vez desaparecerão... Por mais que eu tente, por mais que eu lute com o meu projecto sei que...

Pelo menos com ele consegui descobrir que neste mundo, todos, devemos ser actores principais, nunca secundários, nem figurantes; porque só sendo protagonistas é que conseguimos mudar alguma coisa, só assim é que conseguimos dar a devida atenção ás coisas e para isso só precisamos de estar no Mundo.

Não devemos ter medo de ser protagonistas. Trabalha-se muito, mas o prémio, compensa e sempre, mesmo que pareça pouco.

Aprendi também que não podemos desculpar-nos, durante uma vida inteira, dizendo que daqui a pouco o triste de um realizador há de se lembrar de nós, ou que os outros actores é que nos fizeram representar tais papeis. E mais que tudo, acredito que ninguém, mas mesmo ninguém, deve injuriar a vida que tem. Ingratos! Que não sabem o liquido transparente como o mar que faz inveja a outro do mesmo matiz que escorre das vossas mãos para o nada pelas imediações dos vossos dedos. O mesmo eu digo a aqueles que dizem ser os melhores: Não sabem o que estão a perder, enquanto pensam que só têm a ensinar.